

A qualidade da camisinha é garantia contra o contágio de doenças sexuais

Presença do selo do Inmetro na embalagem comprova a segurança do produto

Tina Vieira

A combinação de falta de controle com pouca informação pode ser muito perigosa para a saúde. É ela que está deixando a população brasileira cada vez mais vulnerável às doenças sexualmente transmissíveis (DST). Longe de serem eliminadas, elas continuam proliferando e levando a um risco ainda maior: essas doenças podem aumentar em até 20 vezes as chances de alguém ser infectado pelo vírus da Aids.

Para mudar essa situação, os médicos contam apenas com a esperança de que as pessoas se tornem adeptas do chamado sexo seguro. A escolha correta da camisinha é a melhor forma de evitar não só a Aids, mas todas as DSTs. Uma camisinha com poros grandes demais, por exemplo, pode permitir a entrada de vírus. Para garantir a qualidade do produto é preciso que o consumidor encontre na embalagem o selo do Inmetro.

Segundo o pesquisador Mauro Romero Leal Passos, do Departamento de Microbiologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), não há perspectiva de a sífilis, por exemplo, ser controlada nos próximos cinco anos:

— Essa doença é de diagnóstico e tratamento fáceis. Mesmo assim, continua sem controle. Com R\$ 5, é possível detectar a sífilis e com R\$ 7 curá-la.

As mulheres são as mais vulneráveis à gonorréia, à hepatite B, à clamídia e a outras doenças sexuais, dizem pesquisadores americanos num estudo publicado este ano na revista "New England Journal of Medicine". Segundo eles, em comparação com os homens, as mulheres têm o dobro de chances de serem infectadas numa única relação sexual.

Controle sobre DSTs não existe no serviço público de saúde

De acordo com o Ministério da Saúde, os casos de sífilis no Brasil, de 1987 a 1996, foram pouco mais de 142 mil. Este dado, porém, é extremamente incerto. O próprio ministério esclarece que os números são pouco representativos porque não há controle sobre a doença. Muitas vezes, o paciente opta pela automedicação e a saúde pública não toma conhecimento do caso.

Se a sífilis, que tem notificação obrigatória, passa por este problema, as outras doenças sexualmente transmissíveis estão em situação pior. Casos de clamídia, gonorréia, papilomavírus (HPV),

tricomoniase, entre outras, passam longe do consultório médico. A sífilis e a Aids são as únicas DSTs de notificação obrigatória.

Segundo Romero, 30% dos novos casos de DSTs referem-se ao HPV, geralmente associado ao câncer de colo de útero. Mas ele ressalta que nem todos os casos da infecção levam à doença. Isso depende de outros fatores como múltiplas infecções, frequência da troca de parceiros sexuais e fumo. Quando associado com a clamídia, por exemplo, a periculosidade do HPV aumenta consideravelmente.

A clamídia é a segunda DST mais frequente. Ela obstrui a tuba uterina, podendo levar à infertilidade por causa disto. No primeiro surto da infecção, o risco é de 15%. No segundo, aumenta para 40%. No terceiro, as chances de a mulher ficar estéril podem chegar a 70%, adverte Romero.

Os principais sintomas são lesões no órgão genital, uretrite e vulvovaginites. Muitas vezes, porém, a infecção pode ser assintomática. Por isso, os médicos insistem na teoria de que o melhor remédio continua sendo a prevenção. E uma das formas de se prevenir é fazer exames médicos periódicos.

Justamente por falta de exa-

mes, os casos de sífilis congênita continuam aumentando no Brasil. Três por cento deles acontecem no estado do Rio, segundo Romero. Transmitida de mãe para filho durante a gestação ou na hora do parto, a doença poderia ser facilmente evitada, se a mulher fizesse exames.

Doador de sangue, às vezes, desconhece que está infectado

O problema é que a maioria das pessoas nem desconfia de que possa ser portador de uma DST. Um forte indício disto é um dado fornecido pelo Ministério da Saúde sobre doações de sangue. Das 2,7 milhões de bolsas doadas em 1997, 16,5% não puderam ser aproveitadas porque o doador tinha alguma doença transmissível pelo sangue.

Dessa porcentagem, 15% referem-se a DSTs. Dez por cento das amostras foram rejeitadas devido à presença do vírus da hepatite; 1,86% devido à sífilis; 0,94%, do HTLV, vírus aparentado do HIV, que causa leucemia e paralisia; e 0,56% por causa da Aids.

Segundo o Ministério da Saúde, os dados mostram a ignorância da população sobre DSTs. Provavelmente, a maioria desses doadores de sangue não tinha idéia de que poderia estar infectado. ■